



## Por que é que Deus permite isto?

**As catástrofes por esse mundo fora e o sofrimento fazem com que, por vezes, se pergunte como é que é possível esses acontecimentos estarem em conformidade com a bondade de Deus? Será que provêm da vontade de Deus? O artigo que se segue vai tentar abordar esta pergunta.**

### — Observação preliminar

No dia-a-dia procura-se muitas vezes encontrar uma explicação para a infelicidade e o sofrimento, para acontecimentos que não se conseguem compreender e para os quais parece não haver explicação. Aquilo que acontece a este e àquele pode tornar-se numa crise existencial, que abala todas as certezas que se pensava ter até àquele momento. Até mesmo a Escritura Sagrada contém exemplos de tais situações.

### — Job e o questionar da justificação do mal

No livro de Job, o ser humano, que sofre sem ter culpa, é representado, a título exemplar, como oposto a Deus. Da perspectiva de uma pessoa temente a Deus, a história de Job é uma narrativa da invasão do mal na vida de uma pessoa que procura uma justificação para o sofrimento e que questiona seriamente a desresponsabilidade de Deus pelo sofrimento.

A história de Job visa deixar bem claro que o mal que invade a vida de um ser humano, com uma desgraça, não tem a sua origem em Deus. Não obstante, na narração conseguimos reconhecer um acordo fictício entre Deus e Satanás, em que o mal neste mundo não é totalmente independente da vontade de Deus. Como toda a existência é fundamentada na vontade de Deus, o mal não tem possibilidade de existir para além dos limites permitidos por Deus; ele só existe e se desenvolve dentro dos limites que Deus lhe dá, sem que tome parte nele. O facto de Ele permitir que isso aconteça, não põe em questão a Sua perfeição.

Job não encontra explicação para a sua infelicidade e culpa Deus por isso. Por fim, acaba por aceitar que o ser humano não pode discutir com o seu Criador: «Bem sei eu que tudo podes, e nenhum dos teus pensamentos pode ser impedido. Quem é aquele,

dizes tu, que, sem conhecimento, encobre o conselho? Por isso falei do que não entendia; coisas que para mim eram maravilhosíssimas, e que eu não compreendia» (Job 42,2.3). Job compreende: O ser humano não consegue abranger a grandiosidade de Deus e a justiça de Deus não está vinculada à felicidade de cada um. Ao reconhecer os limites do seu intelecto, desvenda-se para ele tanto o segredo da onipotência como o da onisciência de Deus. Agora que já sabe que não consegue compreender tudo e que também não precisa de compreender tudo, a pergunta pelo „porquê“ deixa de ter interesse. Job já não insiste em obter uma resposta de Deus e pára com os queixumes, o que o ajuda a modificar o seu destino para melhor.

No entanto, no final da história de Job, o leitor acaba por deparar-se, ainda, com mais uma modificação surpreendente. Em vez de uma resposta à pergunta de como se poderia justificar o sofrimento (como provação, como meio para chegar ao auto-reconhecimento, etc.), Deus justifica Job. Como sofredor inocente, Job é justificado por Deus, o que faz com que, indirectamente, fique respondida a pergunta relativa ao sofrimento de Job: serviu de justificação perante os seus amigos, ou seja, em termos globais, perante toda a humanidade. No judaísmo original (aprox. 200 a. C. – 100 d. C.), todo o povo de Israel se reconheceu na personagem de Job: Deus está com o povo sofredor.

## — O mal é o culpado – o conceito da vingança veterotestamentária

No Antigo Testamento, a explicação mais plausível para a perdição e as injúrias pessoais é o pecado: Acontece algo de mal a uma pessoa ou a um povo, porque o pecado tem poder, ou seja, porque alguém pecou contra Deus. No relato bíblico da história do povo de Israel encontram-se muitos exemplos que nos mostram como o tempo da decadência, da aflição e da opressão provocada por outros povos era visto como vingança divina pela infidelidade do povo: «E sucederá que, quando disserdes: Por que nos fez o Senhor, nosso Deus, todas estas coisas? então lhes dirás: Como vós me deixastes, e servistes a deuses estranhos, na vossa terra, assim servireis a estrangeiros, em terra que não é vossa» (Jeremias 5,19).

Esta correlação de vingança, como modelo explicativo, já no Antigo Testamento se depara com barreiras. A experiência de alguns crentes não confirma que levar uma vida de acordo com a vontade de Deus protege do mal e que o ímpio sempre tem de sofrer as consequências do seu comportamento. Profetas, como Jeremias, têm de lutar com a contradição que surge, confrontando a sua prédica com as situações reais: «Justo serias, ó Senhor, ainda que eu entrasse contigo num pleito; contudo falarei contigo dos teus juízos. Por que prospera o caminho dos ímpios, e vivem em paz todos os que cometam o mal aleivosamente?» (Jeremias 12,1).

Também o salmista tem alguma dificuldade em explicar a contradição entre a sua própria existência, cheia de sofrimento, e a vida totalmente despreocupada daqueles

que nem perguntam por Deus: «Eis que estes são ímpios; e, todavia, estão sempre em segurança, e se lhes aumentam as riquezas. Na verdade que em vão tenho purificado o meu coração e lavado as minhas mãos na inocência?» (Salmos 73,12.13). Segundo o salmista, as contradições apenas se dissolvem no fim da vida: «Quando pensava em compreender isto, fiquei sobremodo perturbado; até que entrei no santuário de Deus: então entendi eu o fim deles. Certamente tu os puseste em lugares escorregadios: tu os lanças em destruição. Como caem na desolação, quase num momento! Ficam totalmente consumidos de terrores» (Salmos 73,16-19).

## — O mal e como o vencer – a nova perspectiva neotestamentária

No Novo Testamento, através de Jesus, passa-se a encarar o sofrimento, a infelicidade e a desgraça de forma diferente. Quando, em Silóé, acontece uma grande infelicidade e, ao cair uma torre, muitas pessoas morrem, o Senhor deixa bem claro, que a catástrofe não deve ser tomada como vingança por qualquer pecado individual: «E aqueles dezoito, sobre os quais caiu a torre de Silóé e os matou, cuidais que foram mais culpados do que todos quantos homens habitam em Jerusalém? Não, vos digo; antes, se vos não arrependerdes, todos de igual modo perecereis» (Lucas 13,2-5).

Ele rejeita a ideia veterotestamentária do sentimento de culpa e contesta o pensamento de vingança proveniente da lei mosaica. A prova em como este pensamento dominava a percepção geral também se evidenciou na reacção dos discípulos de Jesus quando se depararam com um cego. Quando Jesus, certa vez, passou com os seus discípulos por um cego de nascença, eles perguntaram imediatamente quem era o responsável pela sua deficiência: «Rabi, quem pecou, este ou seus pais, para que nascesse cego?» Jesus respondeu: «Nem ele pecou, nem seus pais, mas foi assim para que se manifestem nele as obras de Deus» (João 9,1-3).

A abertura para a visão „neotestamentária“ do mal, através de Cristo, não vê o mal pelo prisma da culpa ou da vingança, mas sim pelo aspecto de o conseguir vencer. No caso do cego, a doença é simplesmente o meio para demonstrar o poder de Deus. Ao ser vencido o mal através do sacrifício de Cristo, o amor de Deus para com o ser humano manifesta-se numa nova dimensão. Ao vencer completa e definitivamente o mal através de Jesus Cristo, o qual forma o ponto principal do Novo Testamento, a pergunta pelo „porquê“ do mal deixa de fazer sentido: Nele dever-se-ia manifestar somente o grandioso poder do bem, o qual deverá vencer. Deste ponto de vista, Job seria incompatível com o Novo Testamento: o ser humano sofredor, arruinado e oprimido já não precisa de desesperar com Deus, porque no sofrimento e na morte de Cristo pode estar seguro do amor de Deus. Jesus Cristo também passou pelo momento do abandono de Deus na cruz e superou-o pela Sua morte. Através disso, o ser humano sofredor pode ter a certeza de que, também ele, nos momentos em que se sente abandonado, é carregado por Deus.

Sufrimento, mal, aflição e outras tribulações deixam de ser uma ameaça ao vermos o amor de Deus revelado em Cristo: «Porque para mim, tenho por certo que as aflições deste tempo presente não são para comparar com a glória que em nós há-de ser revelada. [...] Quem nos separará do amor Cristo? A tribulação, ou a angústia, ou a perseguição, ou a fome, ou a nudez, ou o perigo, ou a espada? Como está escrito (Salmos 44,23): Por amor de ti, somos entregues à morte todo o dia; fomos reputados como ovelhas para o matadouro. Mas, em todas estas coisas, somos mais do que vencedores, por aquele que nos amou. Porque estou certo de que, nem a morte, nem a vida, nem os anjos, nem os principados, nem as potestades, nem o presente, nem o porvir, nem a altura, nem a profundidade, nem alguma outra criatura, nos poderá separar do amor de Deus, que está em Cristo Jesus, nosso Senhor» (Aos Romanos 8,18,35-39). O apóstolo Paulo até aprendeu a enfrentar o seu sofrimento pessoal, o seu «espinho na carne», do ponto de vista do sacrifício de Cristo, chegando até a compreender ainda melhor a magnificência da graça, da qual diz que lhe tinha de bastar, e da força de Cristo que nele se evidenciava (cf. II Cor 12,7-9). Relativamente ao sofrimento, o texto bíblico em I Pedro reflecte a mesma perspectiva: «E o Deus de toda a graça, que em Cristo Jesus vos chamou à sua eterna glória, depois de haverdes padecido um pouco, Ele mesmo vos aperfeiçoará, confirmará, fortificará e fortalecerá. A Ele seja a glória e o poderio para todo o sempre! Ámen» (I Pedro 5,10.11).

## — O mal como sinal apocalíptico

Para a interpretação neotestamentária do mal no mundo, não deixa de ser importante a forma de Cristo passar a ver o mal como sinal histórico-salvífico. O mal demonstra também o estado a que se chegou e faz com que nos tornemos conscientes da urgência de Deus nos salvar através da sua intervenção: «Porque haverá então grande aflição, como nunca houve, desde o princípio do mundo até agora, nem tão-pouco há-de haver. E se aqueles dias não fossem abreviados, nenhuma carne se salvaria; mas, por causa dos escolhidos, serão abreviados aqueles dias.» (Mateus 24,21.22). Por um lado, o facto de a vinda do filho do homem ser precedida de situações que por nós serão entendidas como o maior agravamento imaginável de momentos de imensa aflição, é a prova inequívoca do afastamento da humanidade de Deus e, por outro lado, é o sinal para os eleitos, o sinal para intensificarmos ainda mais o chamamento „Vem em breve, Senhor Jesus!“.